

'Forasteiros' tomam vagas de alagoanos

Reformulação do Enem não agradou estudantes, que acreditam ficar em desvantagem diante da grande concorrência

ANA PAULA OMENA
REPÓRTER

A reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pelo Ministério da Educação (MEC), utilizando-o como forma de seleção unificada nos processos seletivos das universidades públicas federais de todo o Brasil, não agradou aos estudantes do Norte e do Nordeste do País. Em Alagoas, no curso mais concorrido da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o de medicina, das 80 vagas, apenas 14, ou 18%, foram preenchidas por estudantes locais. As restantes foram para candidatos de fora.

Para a estudante Thainá Tenório Barros, que prestou o Enem no último final de semana, os alunos de outros estados fazem o exame e optam por Alagoas porque sabem que o rendimento dos estudantes do Norte e Nordeste é mais baixo. "Eles fazem só para dizer que passaram, chegam a se matricular, mas desistem e acabam

tirando a vaga de quem realmente queria cursar aqui", opinou.

A coordenadora do ensino médio uma escola particular de Maceió, Maria Goretti Rodrigues de Araújo, acredita que o novo Enem trouxe desvantagem para os estudantes de Alagoas. "Não desmerecendo os professores do Nordeste, mas sabemos que o nível do Sul e do Sudeste, ou seja, o potencial, é maior. A mensalidade de uma escola privada no Sul chega a R\$ 3 mil. Lá, todos têm mais acesso à informação, mais tecnologia; as escolas públicas daqui também ficam muito aquém, se comparadas às do Sul", salientou.

"É complicado, a gente sente muito, porém entende que o novo sistema unifica o ingresso a universidades federais. O Sisu até a semana passada estava fazendo a oitava chamada na Ufal, justamente pela evasão de estudantes de fora que não prosseguem no curso", acrescentou.



Estudantes de uma escola particular de Maceió acreditam que nível de preparação no Nordeste ainda é inferior à média do Sul e Sudeste

SEGUNDA CHAMADA

Evasão dos alunos de fora deixa vagas 'sobrando'

A coordenadora do curso de Medicina da Ufal, Iasmin Duarte, afirma que as vagas, em sua maioria, são preenchidas por estudantes de estados como Pernambuco, Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros, que terminam voltando para o estado natal.

"Era o nosso desejo que a Ufal pudesse adotar o mesmo sistema que a Universidade Federal do Amazonas. Por lá, apenas metade das vagas de todos os cursos são oferecidas pelo Enem - é desse montante que, no caso de Medicina, nenhum deles é do Amazonas. Os outros 50% são preenchidos via processo seletivo contínuo", explicou.

Para Iasmin Duarte, a tendência é a de que o Enem prejudique os candidatos a vagas de medicina em Alagoas. "Sabemos que os alunos de fora, quando concluem o curso, não ficam por aqui, e mesmo os daqui saem para fazer residência em outros

estados, onde a estrutura, oferta e empregos são maiores. Para se ter uma ideia, temos 11 vagas no curso de Medicina sobrando para o segundo período, justamente por esta evasão: os alunos de fora cursam aqui, mas continuam tentando na sua cidade natal e, quando passam, deixam aqui. Esta é a chance de os alagoanos que cursam medicina em faculdades particulares do País tentarem a prova de transferência para cá", apontou.

Jonathan Rodrigues, estudante do terceiro ano do ensino médio, também acredita que os candidatos de fora de Alagoas são mais preparados que os locais. Ele diz que sua irmã que passou no último vestibular para o curso de Farmácia, na Ufal, também sentiu a presença dos 'forasteiros' na sala de aula. "Minha irmã contou que 30% dos colegas de sala são alagoanos, e os demais, de outros estados", (A.P.O.)



Coordenadora de escola privada acredita que acesso à informação e às tecnologias é maior no Sul

ENSINO MÉDIO

Enem exige dos candidatos mais preparo

Em reportagem publicada em janeiro deste ano pela Tribuna Independente, o presidente da Comissão Permanente do Vestibular (Copeve), Zeuxis Moraes, já previa que os candidatos alagoanos a vagas na Ufal teriam que melhorar a preparação para a disputa.

Em nova entrevista, ontem, Moraes externou que existe um índice forte de pessoas de fora, chamadas por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), gerenciado pelo MEC, e que isso gera "transtornos".

"Foi verificada um número considerável de desistência no primeiro período e na matrícula. Infelizmente, o Enem causa estes transtornos mesmo, que antes não aconteciam", ressaltou.

Para os estudantes entrevistados pela equipe de reportagem, provas de matemática, química e literatura foram as mais trabalhadas neste Enem. "Perdi muito tempo na prova de matemática e quando fui responder as demais, não tive tanto tempo assim", comentou Jéssica Montenegro, que faz o terceiro ano e está tentando passar no curso de Engenharia.

Daniela Cristina Moreira, também aluna do terceiro ano, que tenta passar no curso de Enfermagem, disse que achou a prova de matemática um pouco difícil e acabou se atrapalhando para desenvolver a redação. Já Jonathan Rodrigues e Thainá Barros, que tentam para o curso de Direito, estão confiantes e como a redação pesa mais acreditam que fizeram o diferencial.

"Não tenho medo da concorrência de fora. Me preparei e fiz uma prova boa. Se não passar, é porque não tinha de ser desta vez, terei um ano inteiro para me preparar ainda mais", garantiu Thainá, que embora tenha escolhido Administração pela segunda opção, afirmou que não iria cursar. (A.P.O.)



Ufal mantém índice de 20%, mas aumentou para se adequar a lei

UFAL

Conselho aprova destinação de 25% das vagas para cotistas

O Conselho Universitário aprovou, na segunda-feira (5), que a Universidade Federal de Alagoas destine para o ano letivo de 2013, 25% de vagas para os cotistas, o que atende, com folga, à determinação legal. Há nove anos, a Ufal destina 20% das vagas para afrodescendentes oriundos de escolas públicas, portanto, a mudança representa um aumento pequeno nesse percentual.

A Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, determina que as instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservem 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio

em escolas públicas.

Desta reserva, metade das vagas deve ser destinada aos estudantes de famílias com renda familiar igual ou inferior a um salário mínimo e meio. As universidades têm quatro anos para se adequar à nova lei, começando a partir de 2013.

Segundo o pró-reitor de Graduação, Amauri da Silva Barros, o Consuni decidiu que a Ufal começa com metade do percentual determinado pela lei. O restante será implantado progressivamente até 2016. Para entender como a nova regra vai funcionar, quando for implantada integralmente, Amauri deu um exemplo: em um curso

com 80 vagas, 40 serão alvo da disputa geral, ampla concorrência, dos estudantes inscritos no Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

As outras 40 serão divididas em subgrupos, e a aplicação do percentual será de acordo com os dados do IBGE sobre a população de negros, pardos e índios de cada Estado. "Assim, em um Estado onde a população indígena é maioria, eles também estarão representados em maior número nas cotas. No caso de Alagoas, a maioria dos afrodescendentes se declaram pardos, temos uma parcela de negros e um número ainda menor de índios, que agora também serão contemplados", relatou o pró-reitor.